



Foi de repente: ou como o processo de mesclagem conceptual permite que uma noção de temporalidade súbita seja convertida em uma ação involuntária

Regina Célia Martins Salomão Brodbeck*

Abstract

This paper aims at investigation the process of conceptual blending analogy and metonymy, departing from Fauconnier's assumption (1999) and here analyzed under the perspective of the socio-cognitive hypothesis on language (Salomão 1996; 1997; 1999; Salomão Brodbeck 1998). On this line, it has been assumed that blend, as the resulting structure from the alignment of elements from the inputs accessed for its making up, has a strong social motivation, being mainly displayed as the product of a process of verbal seduction, used by the speaker to demand a certain MCI from his hearer, so guaranteeing the understanding / statement / action idealized for the behavioral and discourse synchrony

I. Introdução

O processo de mesclagem¹ conceptual (Fauconnier, 1996), observado em contextos múltiplos e diversos

* Professora do Departamento de Letras e Artes do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF – Mestre em Linguística/UFJF.

¹ A tradução de **blending** por **mesclagem** foi sugerida pela Prof. Ms. Neusa Salim Miranda por analogia com as características do tecido com o mesmo nome. Esse termo foi assumido como correspondente apropriado pela Prof. Dra. Margarida Salomão em seus textos mais recentes (1998/1999), e foi aqui absorvido como a melhor tradução.

(Mandelblit, 1997, na área da morfologia e sintaxe; Liddell, 1998, na linguagem de sinais; Turner, 1996 e Freeman, 1997, na literatura; Sweetser, 1997, na construção do significado; Zbikowski, 1997, na música; Veale, 1996, no cinema; Robert, 1998, na matemática; Veale & O'Donoghue, 1999, na ciência da computação) é um processo fundamental para a compreensão de atividades rotineiras do pensamento.

De muitos modos, esse processo se assemelha aos demais processos cognitivos, que se realizam através de operações de projeções de entidades ou atributos de entidades de um domínio conceptual a outro, com a criação de contrapartes correspondentes nesse outro domínio. Dentre essas operações, estão a metonímia, a hiperonímia e a hiponímia.

São elas, por exemplo, que nos permitem nos referir a alguém como “**o careca do 2º andar**”² para garantir a nosso interlocutor a identificação precisa do sujeito através da convocação de atributos mais característicos como substituição ao nome; ou convidar nosso parceiro para “**sair para um sanduíche**”, ainda que tenhamos a intenção segura de parar no MacDonalds para um Bigmac; ou então sugerir um **Gatorade** para um atleta desidratado, ainda que tenhamos em mente apenas a necessidade de ele ingerir uma bebida isotônica qualquer.³

Em todas essas situações, estamos formalizando uma relação entre uma entidade (**a**) em um domínio-base (B) e um certo espaço mental (EM), no qual essa mesma entidade é representada como sua contraparte (**a'**), através da regra de projeção selecionada pelo falante (metonímia, hiperonímia ou hiponímia, respectivamente, nos exemplos mencionados acima).

O processo da mesclagem conceptual, analisado por Fauconnier e Turner desde 1993, também depende centralmente das operações de projeção e mapeamento de estruturas em domínios perceptuais e conceptuais distintos. Diferentemente dos citados acima, e também diferente da analogia, entretanto, o processo de **mesclagem conceptual** prevê a criação de um **terceiro domínio** resultante das projeções realizadas. Fauconnier (1999) esclarece essa questão apontando que

como a analogia, a mesclagem alinha duas estruturas parciais (os inputs). Mas, além disso, a mesclagem projeta-se seletivamente formando uma terceira estrutura, a mescla. A mescla não é uma simples composição dos inputs. Através de padrões de completude e elaboração dinâmica, ela desenvolve uma organização emergente própria. (p. 1./ tradução minha).

2 Salomão Brodbeck, R. C. M. O processo da referenciação em contexto de aprendizagem de LE: uma abordagem sócio-cognitiva. Juiz de Fora, 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – ICHL, UFJF.

3 Exemplos de hiponímia, metonímia e hiperonímia foram também observados em contexto de aprendizagem de Língua Estrangeira, no qual crianças expostas à aquisição do Inglês demonstraram enorme disponibilidade e preferência por essas operações para a construção da referência em eventos comunicativos diversos.

O que se entende, então, é que o processo de mesclagem sempre envolverá dois **inputs** distintos que se alinharão por mapeamento de uma estrutura ou atributo comum contido no **domínio genérico**⁴ com o qual se relacionam, e que esse alinhamento levará à produção de um outro domínio, **a mescla**, cuja contraparte resulta do alinhamento das entidades existentes nos dois inputs.

Fauconnier (1999) ilustrou esse processo através do exemplo do instrutor de esqui com o seu aluno francês, completamente inábil na produção dos movimentos adequados nesse esporte. Para conseguir fazê-lo entender o que ele esperava como gestos e articulações, o instrutor solicitou que ele pensasse em um garçon, em Paris, carregando uma bandeja com champagne e croissants. A partir desse **esquema**, o aprendiz pôde reproduzir as atitudes e movimentos apropriados e conseguiu esquiar.

Como menciona o autor, esses dois inputs – esquiar e carregar uma bandeja com champagne e croissants – são e se colocam como inputs completamente distintos e inassociáveis. É apenas através do processo de mesclagem, que se conecta a um e a outro através do mapeamento de suas estruturas alinháveis, que essa combinação se torna possível – e apenas até o momento da mescla: quando o aluno consegue conceber e produzir os movimentos adequados, ele pode imediatamente abandonar aquele esquema da bandeja para continuar esquiando.

Duas questões se colocam aqui: a primeira é definir quando – se é que isso alguma vez realmente ocorre – se dará o processo de dissociação completa entre o **esquema conceptual** intencionado (esquiar, no caso) do **esquema estepe** (carregar uma bandeja **x**, no caso) ativado para a composição do primeiro; a segunda consiste em definir as operações de projeção preferencialmente disponibilizadas para a produção da mescla, considerando-se que a mescla conceptual final formalizada não corresponderá a uma transposição completa de todos os elementos ajustados nos dois inputs, mas ao resultado de um dado processo eletivo, realizado pelo falante, por imposições contextuais e comunicativas específicas.

1.1 Carregando a bandeja: ou carregamos a mesma bandeja do Quênia a New York ou aprendemos com ela a esquiar.

A primeira questão, posta na seção anterior, será melhor orientada pela discussão de dois pontos principais:

- (i) é possível que o sujeito abandone definitivamente o esquema convocado – isto é: haverá alguma vez a dissociação completa entre o esquema conceptual inédito e o esquema – estepe – ou se tornará

4 O domínio genérico corresponde a um espaço genérico que “captura” a base comum de conhecimento prévio que une os dois inputs nos quais as entidades / conceitos se estruturam e se alinham (**source** and **target**, nos termos de Fauconnier; **vehicle** and **tenor**, nos termos de Veale & O’Donoghue).

esse um esquema continuamente recorrente em suas experiências nesse domínio?; e

- (ii) o processo que conduz o alinhamento entre os modelos conceptuais quando da produção da mesclagem é o mesmo que justifica nossa atuação como sujeitos competentes em situações aparentemente inéditas?

O que estamos discutindo, em termos práticos, é, primeiro: até que ponto aquele noviço francês realmente abandonará o esquema convocado – ou seja, ele realmente conseguirá dissociar completamente o **esquema conceptual – esquiar do esquema estepe-carregar-a-bandeja?** – ou se a ele o rapaz recorrerá continuamente, na necessidade de reiniciar o ato de esquiar sem a presença do instrutor, por exemplo, ou na necessidade de ensinar a outro noviço francês de que modo ele deverá provocar os gestos e os movimentos adequados no esporte; e, segundo, se o processo que conduz o alinhamento entre os esquemas de carregar uma bandeja com croissant e champagne e esquiar é o mesmo que permite que sejamos usuários competentes nos aeroportos de qualquer lugar do mundo a partir do momento que tenhamos já vivenciado essa experiência alguma vez?

A principal orientação nessa investigação está exatamente em se compreender o motivo que justificou a requisição de um esquema conceptual familiar como estepe para o alinhamento com um outro esquema conceptual, esse de alguma forma inédito. Se nos recordarmos das estratégias que utilizamos seja para reproduzir seja para ensinar centenas de gestos e movimentos que correspondem a nosso infinito inventário de conhecimentos já perfeitamente absorvidos, perceberemos de imediato que nos valem constantemente de esquemas-estepes como base tanto para representar um conhecimento inédito quanto para produzir um novo domínio de conhecimento, esse uma mescla do que já sabíamos com o que tentamos ou precisamos saber.

Veale & O'Donoghue (1999) atribuem essa recorrência a uma função cognitiva, identificada como **spreading activation** (Collins and Loftus, 1975), e que corresponderia a uma ativação por expansão em cadeia de todos os conceitos, esquemas, scripts ou modelos já disponíveis na memória, e que são acionados sempre que se der o reconhecimento de semelhanças entre o novo conceito/esquema/script introduzido e aqueles já absorvidos. Em nossos termos, estes últimos relacionariam-se aos **esquemas-estepes**; os primeiros, aos novos esquemas conceptuais. Qualquer que seja a terminologia, entretanto, o que se está garantindo é que essas relações se tornam possíveis devido a certos processamentos ondulares da memória de longo prazo que ativam e associam elementos que guardem, na base, atributos ou conceitos similares.

Foi assim, por exemplo, que minha filha, que necessitava urgentemente corrigir uma postura corporal, agia para garantir a posição perfeita: orientada pelo médico para compor o andar de uma maneira **x**, ela constantemente confirmava: “estou dez pras duas?”, alinhando um input **l**, desconhecido, (andar com os pés projetados em **x**) com um input onde havia a representação de um esquema conceptual familiar e acessável (os ponteiros do relógio), e então

projetando um domínio mescla no qual o conhecimento prévio e o inédito se conectavam e então lhe permitiam assumir a postura intencionada.

É assim, também, que, sem maiores esforços, a professora-alfabetizadora consegue que seus pequenos alunos manejem com maestria o desenho do “s” imitando uma cobra; ou o desenho do algarismo **22** por convocação da representação de “dois patinhos na lagoa” (representação também legitimada pela cantora do bingo ao chamar esse número para jogadores adultos). É assim também que as alunas de ballet compõem pés perfeitos, convocando seus esquemas para **pé de palhaço**, o **pé-número 4** e tantos outros; e que alunos de natação conseguem intercalar vários tipos de performance, acessando o esquema para a representação do **nado-borboleta**, **golfinho** e afins.

Recordemo-nos, ainda, da maneira como fomos instruídos a andar de patins; dar manchete no jogo de vôlei; “nadar cachorrinho”; fazer barcos de papel (dobra as duas partes primeiro para fazer um chapéu; depois, faz a aba do chapéu ...); bordar em ponto de cruz, e tantas outras atividades às quais somos subitamente convidados e para as quais precisamos convocar de imediato esquemas já disponíveis para podermos agir adequadamente dentro do novo esquema, ainda não familiar.

O que estamos entendendo, então, é que da mesma maneira como operamos no mundo através do ativamento de certas estruturas de expectativas (Tannen, 1982), que nos permitem agir competentemente em espaços aparentemente inéditos – por exemplo, em um aeroporto no Quênia; em uma agência de Correios em Moscou; em um supermercado em Bruxelas- pela simples convocação de nossas estruturas de representação (esquemas, molduras e scripts) já internalizados sobre como agir em aeroportos, agências de correio e supermercados, nós também tendemos a convocar MCI já disponíveis para podermos negociar a compreensão e empreender a produção de esquemas conceptuais ainda não formatados.

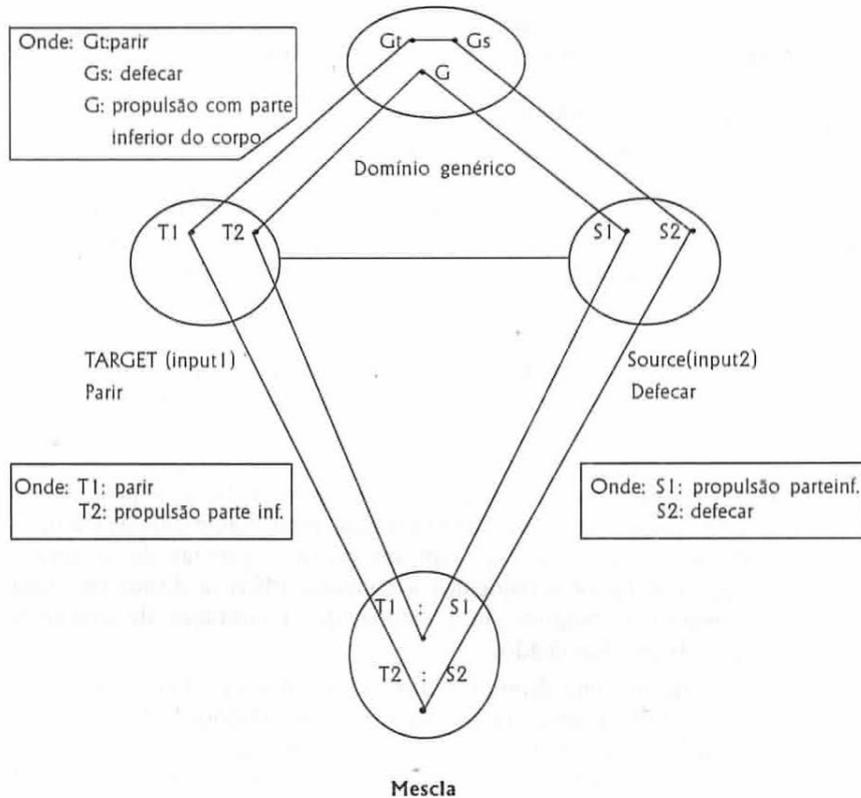
Entretanto, há uma diferença notável entre essas duas operações. A diferença que resulta entre nossa experiência no aeroporto no Quênia e nossa aprendizagem dos tipos de nados, por exemplo, é que, enquanto na primeira operamos pela *transposição global do esquema acionado para a nova situação*, no segundo caso *selecionamos apenas os aspectos, as propriedades ou os elementos imediatamente relevantes para a atuação na nova situação*: em outras palavras, enquanto no primeiro caso **não há a produção de um outro modelo conceptual**, no segundo caso, invariavelmente, ocorrerá a produção de um outro domínio conceptual, a mescla.

Para compreendermos a maneira pela qual se dá a produção desse novo domínio, torna-se necessária a representação formalizada do processo de mesclagem⁵:

⁵ Ao invés de adotarmos a representação sugerida por Fauconnier (1996; 1998; 1999), adotaremos aqui o modelo Sapper, um modelo computacional sugerido por Veale & O'Donoghue (1999) para a representação de *conceptual blend* e que nos parece, aqui, mais didaticamente claro e preciso do que o primeiro.

Observe-se o exemplo abaixo:

- (1) Situação: (a) Mulher deitada na mesa de parto, nos momentos finais do trabalho. O médico, querendo indicar-lhe como agir, diz: "Faz força de fazer cocô".



No esquema genérico estão os atributos que permitem o alinhamento entre os dois inputs, e que se centralizam em **movimento de propulsão com a parte inferior do corpo**. Esse movimento, necessário tanto no esquema do input 1 quanto no esquema do input 2, promove o alinhamento dos dois, permitindo que a parturiente, recorrendo a um background familiar, promova a mescla **parir/defecar** e então "faça a força" adequada para a expulsão do feto.

Os dois inputs, assim como o de esquiar e carregar a bandeja, são aparentemente inassociáveis, especialmente se considerados de uma perspectiva mais sócio-cultural do que biológica, e voltam a se desalinhar fora dos limites da mescla: mulheres parem e defecam; homens só defecam; defecar é atividade

diária; parir convoca outro processo de completude orgânica, agora para o aleitamento; defecar é processo de esvaziamento e limpeza apenas, o defecar não é necessariamente doloroso, etc... De qualquer modo, é bastante previsível que essa mulher, em outras ocasiões de parto, recorrerá novamente a esse esquema-estepe para produzir o movimento de propulsão adequado para dar à luz – e dificilmente disponibilizará o acesso inverso na outra situação.

Essa recorrência no acesso é também previsível – e na mesma rota – para aquelas crianças que estão desenhando o “s” como uma cobra; para as que estão compondo seus pés em 4; para as que estão aprendendo a nadar “golfinho”: os esquemas-estepes serão continuamente convocados, até o momento da completa internalização, para a produção adequada do ato; por outro lado, essas crianças não recorrerão à imagem do algarismo 6 para observar uma cobra; nem pensarão em passos de ballet ao registrarem o algarismo 4; e nem se sentirão em uma competição quando assistirem ao seriado Flipper na televisão.

1.2 Produzindo a mescla conceptual através de operações metonímicas

A segunda questão levantada no processo da mesclagem se refere às regras de projeção preferencialmente disponibilizadas para produzir o terceiro domínio.

A composição da mescla, já demonstrado no processo analógico entre *parir* e *defecar* na seção anterior, prevê como regulares os seguintes procedimentos cognitivos:

- (a) a convocação de pelo menos dois inputs, que correspondem a MCIs já disponíveis ao sujeito, embora ainda não necessariamente conectáveis;
- (b) o alinhamento de alguns elementos ou de atributos de elementos desses dois MCIs a partir da instrução presente no Domínio Genérico (um atributo consensual aos dois inputs), que serve como **container** para ambos;
- (c) a projeção dos elementos ou de atributos dos elementos alinhados nos dois MCIs para a produção de um terceiro domínio, a mescla.

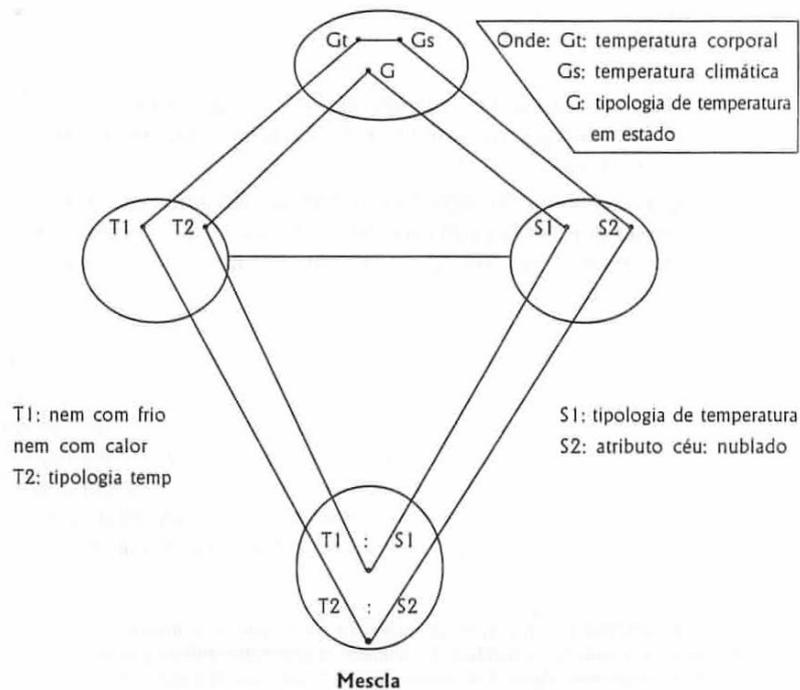
O que se entende, então, é que não ocorrerá a transposição global de todos os elementos que compõem os inputs acessados, mas apenas daqueles – ou dos atributos daqueles – que sofreram um processo de alinhamento por determinação da informação contida no Domínio Genérico. (mesmo que, em alguns casos, algum dos inputs contribua com mais elementos ou atributos para a mesclagem do que o outro⁶) É por causa dessa seleção que os MCIs para

⁶ Fauconnier apresenta vários tipos de projeção para compor a mescla, identificando-as como *simétricas* quando há paridade no número de elementos/atributos/aspectos projetados e *assimétricas* quando algum dos *inputs* contribui com um número maior de elementos/atributos/aspectos projetados do que o outro.

parir e defecar, esquiar e carregar uma bandeja, por exemplo, permanecem e são convocados como modelos aparentemente independentes, em situações autônomas e distintas, mesmo apesar de todas as projeções analógicas que se possam fazer entre eles: o processo de mesclagem, como vimos, não corresponde ao apagamento dos limites entre os domínios 1 e 2 para a criação do domínio 3: **a mescla não corresponde a uma operação cognitiva para redução; antes, ela configura uma operação cognitiva de ampliação do uso linguístico para ajustamentos contextuais, por imposição da moldura comunicativa e por determinação do processo de interlocução** ora acionado por um falante e um ouvinte (como o nosso médico e nossa parturiente; como o instrutor e o noviço). Resta-nos então compreender como esse alinhamento se dará, simultaneamente produzindo um outro domínio conceptual e mantendo intactos os MCIs convocados para tanto.

Os exemplos selecionados abaixo, retirados de enunciação de crianças entre 3 e 10 anos, elegem, como regra especialmente eficiente para a produção da mescla conceptual, as **operações metonímicas**.

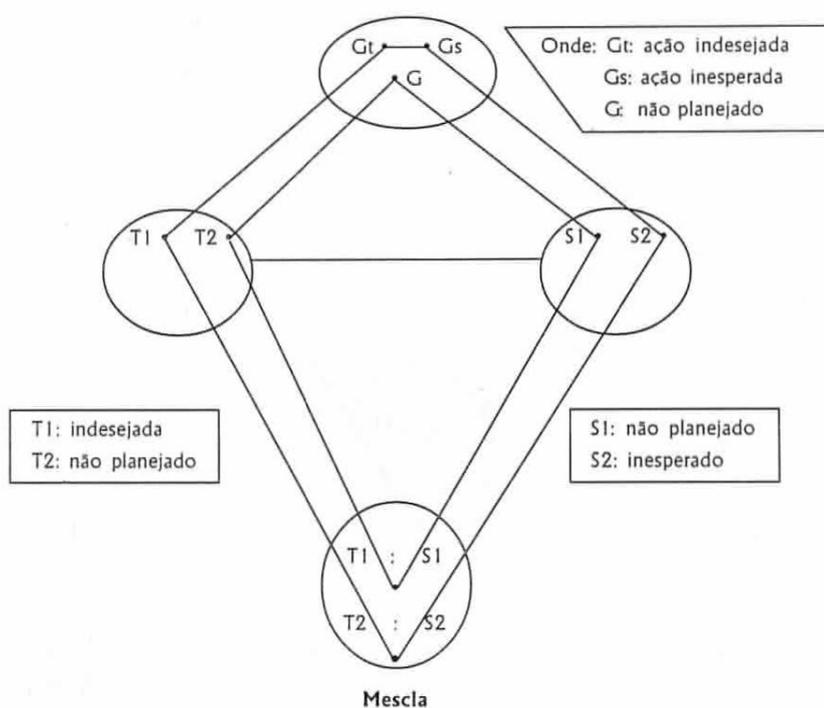
- (2) Situação: Uma menina de 6 anos, jogando-se no sofá após uma corrida pelo quintal, ao ser indagada pela mãe se estava com calor: *"Não. Estou nublada"*



No **domínio genérico**, temos como atributo **tipologia de temperatura**, estruturada no input 1 como **temperatura dos dias** (quente; frio; morno) e no input 2 como **temperatura corporal** (com calor; com frio; nem com calor nem com frio). A criança, alinhando as duas estruturas, representou suas **sensações no domínio mescla**, optando por um atributo do céu (nublado: nem com sol nem com chuva) para indicar que não estava nem com calor nem com frio, operando, enfim, em uma mesclagem em rede (temperatura/característica do céu), dupla, por projeção metonímica.

- 3) Situação: A criança entornou o refrigerante que estava se servindo na mesa de jantar. À cara brava da mãe, ela diz " Desculpa, mãe. *Foi de repente*".

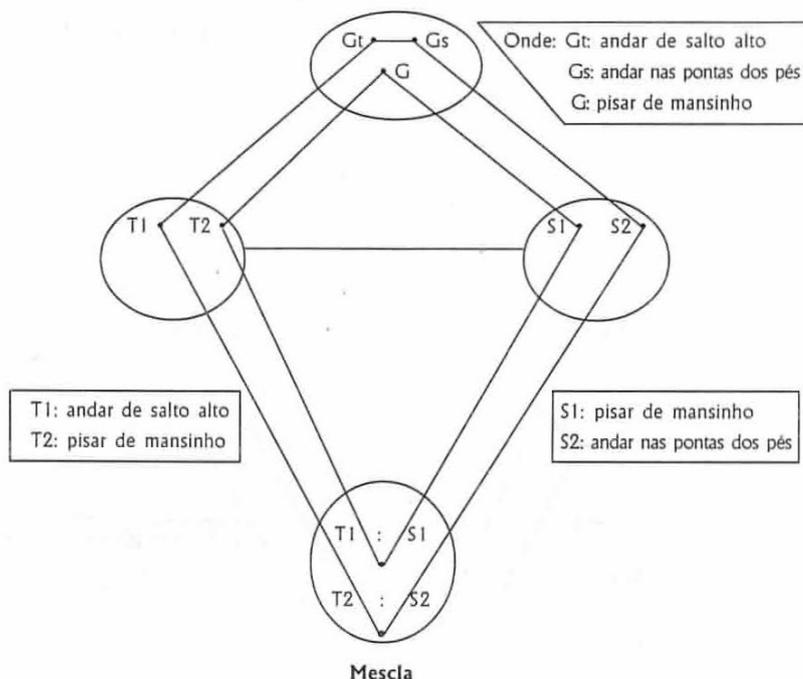
que pode ser assim formalizado



O que percebemos, na composição da mescla, é que a enunciação disponibilizou alguns esquemas conceptuais, comuns e acessáveis a todos os falantes da Língua Portuguesa, quais sejam aquele contido no domínio genérico e aqueles representados nos Input 1 e 2. A partir da convocação desses MCIs, a autora do enunciado compôs a sua fórmula "**Foi de repente**", apresentando-a como recurso discursivo para essa moldura comunicativa, em uma estrutura

mesclada, na qual acontecimentos não planejados se alinham com uma ação não-intencional, não planejada e portanto reconhecidamente indesejada, e que é ainda hoje estereotipada como fórmula de se pedir desculpa por suas irmãs menores, revelando um correspondente alternativo adequado para o padronizado **"Foi sem querer"**.

- (4) Situação: A criança quer ir pegar um brinquedo em um quarto vizinho àquele onde o pai dormia. A mãe recomenda que ela não faça barulho, ao que ela retruca: "Não se preocupe. *Vou de salto alto*".



Nesse enunciado, notamos que a criança parte de dois esquemas culturais coletivos – o genérico, no qual o movimento centrado na parte anterior dos pés provoca minimização de barulho, e o do Input 1, na representação de “andar de mansinho” como “andar nas pontas dos pés” – e apresenta um outro esquema, pessoal, no qual o “andar de salto alto”, uma operação metonímica, também garante o “andar nas pontas dos pés”, assegurando, por consequência, um movimento silencioso. É interessante perceber que a proposta do “salto alto” é puramente física: a criança consegue eliminar, na mesclagem, a enorme probabilidade que existe na ocorrência de barulhos compassados com o uso do sapato de salto alto.

Em todos os exemplos acima mencionados, percebe-se a tendência de se compor a mescla a partir de operações metonímicas, que permitem o alinhamento não por ajustamento dos elementos contidos nos dois inputs, mas sim entre os atributos mais relevantes desses elementos.

No exemplo (2), a criança seleciona um atributo da tipologia climática (situação do céu: nublado) para compor sua sensação de temperatura mediana; no exemplo (4), a criança seleciona um atributo dos pés (as pontas dos dedos) para garantir a representação mesclada para andar silenciosamente. Operação semelhante se observa também nos enunciados abaixo, no qual o alinhamento, mais específico, se dá entre os atributos dos elementos do input1 e do input2:

(5) Situação: A criança tenta acompanhar uma música no rádio, que está fora da estação. Imediatamente ela reclama com um adulto: "Mãe, o rádio está falando com os dentes estragados." (parte da boca – dentes –; parte do rádio-som).

(6) Situação: A criança observa a avó bocejando e comenta com as irmãs: "Olha a vovó tirando um sono" (parte do corpo – boca; sinal de sono – bocejar).

Em trabalho anterior⁷, investigando o processo de construção da referência por crianças em contexto de aprendizagem de Língua Estrangeira, foi observada a exagerada preferência dos falantes pelas operações metonímicas (hiponímicas e hiperonímicas especificamente, também) como estratégia lingüística eficientíssima para driblar a precariedade de expressão no sistema lingüístico de L2 e, assim, garantir a participação no processo comunicativo.

Resultados semelhantes foram detectados durante a análise das tarefas de leitura em Língua Inglesa por alunos da 5ª série do ensino fundamental⁸, nas quais os alunos preferencialmente recorriam às operações metonímicas para identificar, nos textos, formas ou expressões lingüísticas oferecidas como instruções em LM.

Por mais que os dados coletados nos autorizem a projetar como generalidade a frequência (em preferência) com que crianças elegem essa operação cognitiva como um eficiente instrumento lingüístico para driblar precariedades, parece-nos que a seleção da metonímia como regra de projeção para compor a mesclagem conceptual, entretanto, vai além de uma simples constatação relacionada à faixa etária e estágio de letramento dos sujeitos.

7 Salomão Brodbeck, R. C. M. O processo da referenciação em contexto de aprendizagem de LE: uma abordagem sócio-cognitiva. Juiz de Fora, 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – ICHL, UFJF.

8 Trabalho apresentado no II Simpósio de Estudos Lingüísticos e Literários do Mestrado em Letras da UFJF/1999, e formatado como Relato de Experiência na Revista Instrumento (Editora da UFJF), vol. I. Pgs 78 e 79.

Na verdade, a eleição dessa operação como uma eficaz regra de projeção pode ser mais genericamente justificada ao compreendermos que, na composição da mescla, contribuem especialmente os atributos/ propriedades/ aspectos das entidades mapeadas que permitem o alinhamento e equiparação entre os dois inputs acessados. Na busca desse alinhamento, sobressaem os atributos/ propriedades e aspectos das entidades mais diretamente relevantes para a equiparação (a boca e o som; as pontas dos dedos; a involuntariedade; a parte inferior do corpo, nos exemplos estudados), o que faz com que os sujeitos assumam a parte como se referindo ao todo.

Além disso, dado o fato de que a mescla opera não por redução ou eliminação dos limites entre os MCIs acessados e que esses inputs permanecem independentes e autônomos mesmo após a composição da mesclagem, há que se justificar que a eleição da metonímia de muitos modos garantirá essa sobrevida (que de outro modo talvez ficasse comprometida caso a entidade/ o conceito fosse totalmente transportado para o terceiro domínio, sendo ali absorvido como nova entidade).

2. Mesclagem e Moldura

Entendida a maneira pela qual o **domínio mescla** se configura como ação integrada, a proposta desse artigo é recuperar essa noção dentro da perspectiva do sócio-cognitivismo, apresentando-a como recurso interacional acionado por um falante e legitimado por um ouvinte, e determinado pelas imposições da moldura comunicativa no qual estão operando. Dessa maneira, estaremos analisando a eficácia da mesclagem como atributo sócio-discursivo, previsto em processos interacionais centrais, tais como a criação de significado e a construção da referência, da mesma maneira como já o fizemos em relação à metonímia, hiponímia e hiperonímia em outros artigos.⁹

Para que tal transporte se dê, nossa pedra de toque é o pressuposto principal da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem, que revela a subdeterminação do significado pelo significante (SALOMÃO 1996:20), uma característica central do processo de significação da linguagem, e que ilustra a maneira pela qual uma mesma forma linguística pode provocar diversas interpretações, geradas e limitadas pelo contexto onde foram empregadas.

Essa característica é aquela que permite, por exemplo, que a mesma forma linguística “**vale-transporte**” possa ser representada, no enunciado: “**Moço, me dá um vale-transporte**” de maneiras tão variadas quanto diversas, como:

9 O processo de construção da referência através de operações por metonímia, hiponímia e hiperonímia, bem como o processo de construção do significado, foram anteriormente analisados em meus artigos “O processo da construção da referência em contexto de aprendizagem de LE” (Revista Veredas nº 2 / Editora da UFJF/ dezembro 1998) e “Quando a referência é o touro: sintonia e conflito em contexto de formação de professor” (Revista Instrumento nº 1 - Editora da UFJF/ maio 1999).

- (i) **um vale-transporte**, se quem o disse foi um menino endereçando-se a um senhor em um ponto de ônibus;
- (ii) um conjunto de vales-transporte, se quem o disse foi um operário endereçando-se ao funcionário do posto de venda de vales;
- (iii) **uma esmola, uma ajuda**, se quem o disse foi um mendigo que bateu à porta de minha casa.¹⁰

O significado intencionado pelo falante, entretanto, só será efetivamente construído a partir da ação do ouvinte, que então agirá para legitimá-lo: e assim o senhor dará o vale-transporte ao menino; o funcionário do posto estenderá uma fileira de tickets ao funcionário, que o trocará por uma certa quantia; e eu o darei ao mendigo, ou o trocarei por um prato de comida ou por uma ajuda. Tal significado intencionado não seria efetivamente construído, entretanto, se eu, por exemplo, interpretando a solicitação do mendigo através de um esquema cultural ou pessoal preconceituoso, o negasse, acreditando que **vale-transporte** fosse uma representação já padronizada para uma troca por **um copo de pinga**.

O que se vê, portanto, é que a construção do significado na enunciação sofre dois tipos de constrangimento: um, **contextual**, que impede que o funcionário entenda a solicitação do operário como uma esmola; e um outro, **cognitivo**, que é resolvido na negociação da significação evocada pelo esquema conceptual do falante e aquela contida no esquema conceptual do ouvinte (que justificaria, então, a minha recusa mencionada acima).

Dessa maneira compreendemos como uma forma linguística, não sendo portadora direta do significado, é, ainda assim, o instrumento através do qual a significação será cognitivamente construída. O que a forma linguística faz, então, é “suscitar estruturas de conhecimentos pré-linguísticos – **esquemas conceptuais, scripts, modelos cognitivos ...** – que perfazem o estoque de representações culturais disponíveis ao indivíduo *enquanto membro de algum grupo social*.” (SALOMÃO 1996: 22).

É por esse processo que a menina citada no exemplo (2) consegue representar, para sua mãe, suas sensações corpóreas como “**nublada**”, onde então a forma linguística “**nublada**”, suscitando dois esquemas conceptuais (a de temperatura corporal e a de temperatura do dia em condições climáticas específicas), não só legitima a composição da mescla como ainda **permite que a mãe a compreenda como não estando “nem com frio nem com calor”**. Tal significação teria possivelmente falido se o interlocutor não pudesse dispor ou acessar rapidamente os mesmos esquemas conceptuais suscitados, através de uma ativação por expansão semântica dos domínios

¹⁰ Exemplo-fonte mencionado na dissertação de mestrado “**O processo da referenciação em contexto de aprendizagem de L.E: uma abordagem sócio-cognitiva**”, defendida no Programa de Mestrado em Letras da UFFJ em maio/98, e orientada pela Prof. Dra. Maria Margarida Martins Salomão.

conceptuais, autorizada pelo compartilhamento, familiar e grupal, das informações neles contidas.

Essas negociações, tão comuns entre pares de um mesmo grupo social (recordemo-nos das dificuldades que temos para “entrar” em uma conversa entre dois técnicos em informática discutindo o defeito de nosso computador; ou das dificuldades que temos para achar graça de piadas inglesas; ou de nossa angústia para entendermos, pelo veredicto de um médico, se estamos bem ou se vamos morrer amanhã; ou de nosso desprezo pelo linguajar de grupos jovens, tão inacessível quanto obscuro...), denunciam a tarefa de **equiparação de modelos cognitivos** entre interlocutores como sendo uma tarefa central para nossos ajustamentos e sintonias discursivos. Por outro lado, elas também revelam a crucialidade do ativamento desses modelos para nossas projeções cognitivas, especialmente aquelas relacionadas ao processo de mesclagem conceptual, quando então agimos por equiparação/ alinhamento de estruturas em inputs distintos para produzir a composição da mescla, que será então disponibilizada como ponte para que esses esquemas conceptuais autorizem a constituição das contrapartes, permitindo-nos combinar por mesclagem os elementos semelhantes, por mapeamento da informação genérica consensual a ambos, e também restituir-lhes para recompor os inputs outrora independentes.

Em todos os exemplos mencionados – e todos nós podemos apresentar centenas de outros produzidos, rotineiramente e sem esforço, da mesma forma – percebe-se a crucialidade do processo de ativação de esquemas conceptuais – genéricos e específicos – para garantir a operação de projeção seletiva para a mescla, no novo domínio criado. Há, entretanto, dois outros pontos que se evidenciam na análise dessas tarefas sócio-cognitivas:

- (a) a relação entre o domínio genérico (container) e os domínios derivados relacionados (inputs e mescla);
- (b) a projeção posterior previsível de um domínio contido tornar-se container de outros domínios.

3. Sabe o que ele ganhou com isso? Uma penca de banana: containers e contidos.

Na tentativa de formalizar e regularizar a maneira como a mesclagem opera, Fauconnier (1999, p. 9-15) propõe uma dinâmica bastante simples e rotineira, facilmente demonstrável nas tarefas pela qual focalizamos, transportamos e completamos figuras na tela de um computador, através da combinação de ações integradas entre o mouse, a seta e a figura.

Recuperaremos, aqui, para o que importa dentro do escopo desse artigo, as noções definidas pelas figuras de **container** e contidos. As correspondências sugeridas no mapeamento que conecta esses dois espaços são assim propostas¹¹:

- (a) o container geralmente oculta o objeto contido (o container é visível; o objeto contido não o é);
- (b) o objeto contido ocupará parte da mesma porção do espaço que o seu container;
- (c) o container é maior do que o objeto que ele contém;
- (d) o container tem um interior, no qual o objeto contido está visível; e
- (e) o container tem fronteiras; o objeto contido é transportado para o espaço dentro dessas fronteiras, no qual ele se torna visível.

Se projetarmos essas noções e suas correspondências relacionadas para o processo de representação do domínio da mescla, a partir do domínio genérico e dos inputs envolvidos, podemos então propor que:

- (a) o **domínio genérico** é o container para os inputs;
- (b) o **domínio mescla** é o objeto contido nos inputs, que lhe servem como container secundário, uma vez que seu recipiente primário é o domínio genérico.

Dessa forma, estamos entendendo que a mescla, ocultada em uma percepção mais superficial nos inputs, se torna plenamente visível como objeto contido quando é projetada para dentro deles, cabendo-lhes perfeitamente dentro de suas fronteiras. É só dentro delas. É o que ocorre com a **bandeja**, condenada ao retorno de sua significação enciclopédica para além das fronteiras da mescla prevista para a qualificação dos movimentos do noviço francês; ou com o **rádio de dentes estragados**; ou com o **nublada** da sensação da criança; etc.... Essas significações construídas por imposições contextuais, dentro dos limites do domínio genérico e de seus inputs, renovarão os significados em outras molduras e outros containers, por ativação de outros modelos cognitivos e outros esquemas conceptuais, e assim se tornarão legítimos, assim como esses relatados, enquanto o falante e o ouvinte os autorizarem.

Entretanto, podemos observar que algumas **mesclagens conceptuais** produzidas e enformadas em containers específicos sofreram um outro tipo de processo de transformação, que permitiu que elas, antes objetos contidos, se configurassem como containers para outras mesclas.

Note-se, por exemplo, a utilização da forma linguística **banana** em contextos dos mais diversos:

- (a) Isso tudo **a preço de banana!!**
- (b) Ele se aborreceu com o pai e acabou lhe **dando uma banana**.

¹¹ Para um acompanhamento mais aprofundado desse assunto, dentro da moldura original, indico a leitura do artigo mencionado. Para o acompanhamento adequado das correspondências sugeridas, é suficiente que nos recordemos de uma tarefa no computador, na qual agimos para transportar um "phantom" (colorido ou escurecido e da mesma forma que a figura a ser preenchida) para dentro do espaço de uma figura geométrica qualquer.

(c) E o que ele ganhou com tudo isso? **Uma penca de bananas!**

(d) Coitado, está tão mal que está **trocando banana**.

Em todas essas expressões, pode-se perceber que houve, anteriormente, um domínio genérico cujo esquema estabelecia algum atributo relacionado a “**coisas de pouco valor, desprezíveis**”. Esse domínio genérico certamente continha inputs cujos esquemas reassumiam a projeção: **pouco / pouco valioso / desprezível / nada e banana**.

O que ocorreu com a forma usada **banana**, ainda assim, não se assemelhou, de modo algum, às previsões de término para o **garçon com a bandeja, a criança nublada, o pisar em salto alto, o rádio com dentes estragados**. Se essas mesclas só sobrevivem dentro das fronteiras de seu container, a **mesclagem conceptual** que representou **banana** para **coisas de pouca valia**, por sua vez, se tornou ela mesmo container para todas esses múltiplos enunciados que recuperam e alteram e crescem atributos à significação original da mescla produzida, tornando-se eles objetos contidos nos limites dela.

Provavelmente, o que possibilitou essa modificação na configuração inicial proposta foi o fato de esse domínio mesclado ter representado, como esquema conceptual, um Modelo Cognitivo que, com o passar dos tempos, deixou de ser específico para se tornar coletivo, assumindo então o perfil de um domínio genérico, perceptual e conceptualmente. É essa situação que verificamos também, hoje em dia, com a ampliação de alcance de alguns termos antes só visíveis dentro de containers acessíveis aos pares de uma comunidade acadêmica, por exemplo, ou de médicos, ou de técnicos de informática, ou de jogadores de cartas de baralho: depois de sofrerem um primeiro processo de mesclagem – como o vírus da informática, exemplo citado por Fauconnier nesse artigo – eles são projetados para dentro das fronteiras de outros containers, nos quais são assumidos como esquemas conceptuais de outros inputs e então produzem outros domínios da mescla, agora em outros campos semânticos.

E assim, os jovens “vão **vazando**”, de uma maneira igualmente imperceptível e sinistra, mas tão definitivamente voluntariosos como nem a água nem o gás jamais o conseguirão sê-lo; e as informações da subida do dólar também “vão **vazando**”, voluntariosamente como o jovem mas jamais tão imperceptivelmente como ele e o gás e a água, e por causa disso o Sr X. vai sendo fritado – e em banho-maria, como nenhuma cozinheira jamais imaginou que se o pudesse fazê-lo.

4. E assim eu vou tirando um sono: conclusões.

O presente artigo quis recuperar a operação cognitiva da mesclagem conceptual, apresentada e analisada por Turner (1993, 1996), Fauconnier (1993, 1996, 1998, 1999), Sweetser (1998, 1999) entre tantos outros, a partir da perspectiva da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem.

Dessa feita, o que pretendemos foi observar a maneira como esse processo se dava, por determinação de esquemas conceituais ativados por certas percepções e formas linguísticas, e pelas imposições da moldura comunicativa onde ele era disponibilizado como recurso interacional na negociação do significado entre falantes e ouvintes.

O que se pode constatar é que o domínio da mescla é preferencialmente construído pelo alinhamento de estruturas contidas em um esquema conceitual mais genérico e coletivo e um outro, mais personalizado e restrito como base sócio-cultural de certos grupos, e que a estrutura representada no domínio da mescla, oculto em uma primeira sondagem no domínio genérico e nos inputs, se apresenta perfeitamente visível como objeto contido em cada um desses espaços, sendo seletivamente projetado naquele.

Esse artigo também quis indicar a maneira pela qual alguns tipos de representação produzidos no domínio mescla podem sobreviver para além de suas fronteiras, sendo transportados como esquemas conceituais para inputs em outros campos e outras molduras, transformando-se então de objeto contido em containers para outras mesclas.

Toda essa investigação derivou do pressuposto básico da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem, que postula a subdeterminação do significante pelo significante e a ampla vulnerabilidade da linguagem ao contexto comunicativo no qual está sendo utilizada como modo de ação social por falantes e interlocutores.

Referências Bibliográficas

- CLARK, H. *Arenas of language use*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- DURANTI, A. & GOODWIN, C. (eds.). *Rethinking Context*. N. York Cambridge Press, 1992.
- FAUCONNIER, G. *Conceptual Blending and Analogy* – paper para apresentação em ICLI'S 99 em Estocolmo (no prelo).
- _____. & SWEETSER, E. (eds.). *Introduction*. In: _____. *Spaces, worlds and grammar*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1996.
- LINDSTROM, L. Context contexts: debatable truth statements on Tanna. In: DURANTI, A. & GOODWIN, C. (eds.) *Rethinking Context*. NYork Cambridge Press, 1992. p. 101-24.
- SALOMÃO, M. M. .M. *Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem*. Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos. p. 48-69. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora Juiz de Fora, 1997.
- _____. *O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso*. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

SALOMÃO BRODBECK, R. C. M. *O processo da referenciação em contexto de aprendizagem de LE: uma abordagem sócio-cognitiva*. Juiz de Fora, 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) - ICHL, UFJF.

_____. *O processo da referenciação em contexto de aprendizagem de Língua Estrangeira: uma abordagem sócio-cognitiva*. Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos. p. 51-74. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora Juiz de Fora, 1998.

_____. *Quando a referência é o touro: sintonia e conflito em contexto de formação de professores*. Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação. p. 31-49. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora Juiz de Fora, 1999.

VEALE, T. & O'Donoghue, D. *How to blend concepts and influence people: computational models of conceptual integration* – paper para apresentação, em mesa-redonda, em ICLI's 99, em Estocolmo. (disponível em <http://cogsci.uesd.edu>)